A vitória de Tasso Jereissati para o Senado em 2014 e a polêmica questão das "Bases Eleitorais"*

Rejane Vasconcelos Accioly Carvalho**
Monalisa Lima Torres***

Resumo do trabalho:

O foco desse texto é a análise da campanha vitoriosa de Tasso Jereissati para o Senado em 2014, mesmo com a derrota do candidato ao governo pelo PMDB de sua chapa, Senador Eunício Oliveira, presidente estadual do PMDB, e supostamente detentor de "bases eleitorais" que o credenciavam a apresentar-se como candidato de oposição aos Ferreira Gomes. O candidato ao Senado Mauro Filho (PROS), indicação pessoal do então governador Cid Ferreira Gomes, foi derrotado por ampla margem de votos em quase todos os municípios do Estado, inclusive em Fortaleza. Em síntese, Camilo Santana, filiado ao PT, mas considerado "cidista", elege-se governador, mas a oposição (PSDB) conquista a única vaga em disputa para o Senado. Os resultados eleitorais conduzem a uma discussão sobre a função de chefes políticos em campanhas para o Senado que tendem a ser atreladas às disputas para o governo estadual. A campanha de Tasso em 2014 destaca-se por ter sido produzida por uma equipe publicitária distinta, centrando-se na reconstrução da imagem política o candidato. A vitória de Tasso (PSDB) é considerada indicativa de fortalecimento da oposição e, por consequência, da redução da hegemonia dos Ferreira Gomes na política do Ceará .

Palavras-chaves: Eleições, Bases eleitorais, Senado.

---

* Texto apresentado no 10º. Encontro da Associação Brasileira de Ciência Política. Belo Horizonte, 2015.

** Sócia Efetiva do Instituto do Ceará.

*** Universidade Federal do Ceará (UFC).

Introdução

Quais especificidades em campanhas para o Senado tornam difícil recorrer a noção de "bases eleitorais" para explicar vitórias e derrotas? Como os eleitores decidem o voto para o Senado? A tendência predominante evidenciada em dados eleitorais é que os eleitores votem em candidatos da mesma chapa do candidato ao governo ou tenham o seu apoio, do mesmo modo que candidatos de oposição pertençam à mesma chapa.

O que são as chamadas "bases eleitorais"? A noção tem significados distintos quando aplicada a diferentes tipos de eleições. Nas municipais (prefeito e vereador) reporta-se a laços mais diretos estabelecidos entre candidatos e eleitores caucionados pelo acionamento, pelos primeiros, de formas de atendimento de demandas que lhes proporciona uma adesão relativamente estável que se traduz em votos. Nas eleições estaduais e federais as relações dos candidatos com os eleitores na conquista de votos são mediadas pelos chamados "chefes políticos" municipais, que podem ser prefeitos, vereadores ou lideranças com influência sobre segmentos do eleitorado. A expressão "chefe político" tem origem no contexto de sociedades predominantemente rurais nas quais o domínio dos patrões se estendia de forma direta sobre as relações sociais e políticas, justificando assim a nomeação pejorativa de "currais eleitorais". No Brasil as duas nomeações (chefes políticos e currais eleitorais) continuam a ser utilizadas mesmo quando a urbanização, as mudanças na economia rural e a ampliação da presença do Estado alteraram significativamente formas anteriores de controle social e político. Vale ressaltar que deputados estaduais e federais consideram como suas "bases eleitorais" os municípios ou regiões onde obtiveram grande concentração de votos e para as quais direcionam grande parte de suas atividades parlamentares na busca de atender "pleitos" daqueles que considera representar mais diretamente.[1]

Admitimos que no caso de eleições para o Senado há particularidades no funcionamento das chamadas "bases eleitorais". Tomo duas situações para exemplificar situações distintas: na primeira, regra geral, ocorre uma transferência das bases eleitorais do candidato do governador ou que integram a aliança do candidato ao governo pela oposição com supostas chances de vitória. A segunda, espécie de "ponto fora da curva", acontece quando o candidato a Senador não depende dos votos do candidato a governador e

[1] Ver BEZERRA, 1999.

sua campanha assume um formato próprio, com formas diferenciadas de comunicação com os eleitores que vão além da intermediação de "chefias políticas" municipais reportando-se mais a uma "política de imagem". A campanha de eleição de Tasso ao Senado em 2002 e a derrota em 2010, se encaixam na primeira alternativa. Ele venceu em 2002 quando apoiou e teve o apoio de Cid Gomes candidato ao governo, e perdeu em 2010, quando mesmo vinculado ao PSDB, esperava contar com as "bases eleitorais" do governador (PROS) de quem continuara aliado, o que não aconteceu. Sua campanha, atrelada a essa certeza, não pode ser reestruturada quando a poucas semanas do pleito, o apoio do governador foi, por imposição do então presidente Lula, publicamente dado aos dois outros candidatos, José Pimentel (PT) e Eunício Oliveira (PMDB)2. Uma vitória considerada certa, as pesquisas duas semanas antes do pleito o posicionavam como primeiro colocado, transformou-se em fragorosa derrota.

A campanha de Tasso ao Senado em 2014 se enquadra perfeitamente à segunda situação. Candidato de oposição ao governo federal, e principalmente no plano estadual aos Ferreira Gomes, sua campanha vitoriosa foi produzida em moldes independentes e originais, descolada da campanha de Eunício Oliveira, candidato ao governo por sua coligação.

Os exemplos mencionados sugerem que as chamadas "bases eleitorais" em geral não podem ser consideradas pertencentes aos candidatos ao Senado, o que explicaria casos em que candidatos até então desconhecidos ou com baixa expressividade política sejam facilmente eleitos quando apoiados pelo governador. Entretanto em situações extraordinárias, sugestivas de redução da hegemonia do governador em exercício, é possível que aconteçam vitórias de candidatos ao Senado que se elegem por suas próprias forças mesmo quando o candidato ao governo de sua chapa é derrotado.

O foco desse texto é exatamente a análise da campanha vitoriosa de Tasso Jereissati para o Senado em 2014, mesmo com a derrota do candidato ao governo pelo PMDB de sua chapa, Senador Eunício Oliveira, presidente estadual do PMDB, e supostamente detentor de "bases eleitorais" que o credenciavam a apresentar-se como candidato de oposição aos Ferreira Gomes. O candidato ao Senado Mauro Filho (PROS), indicação pessoal do então governador Cid Ferreira Gomes, foi derrotado por ampla margem de votos em quase todos os municípios do Estado, inclusive em Fortaleza.

[2] Ver CARVALHO e AQUINO, 2011.

Em síntese, Camilo Santana, filiado ao PT, mas considerado "cidista", elege-se governador, mas a oposição (PSDB) conquista a única vaga na disputa para o Senado. O que a vitória de Tasso nos ensina sobre o papel de "bases eleitorais" em campanhas para o Senado Federal? Para tentar encontrar resposta, ainda que imprecisa, a uma questão tão ampla, recorremos aos seguintes procedimentos: a) análise do cenário político eleitoral que em 2014 viabilizou o retorno de Tasso à política depois de ter declarado em 2010 seu afastamento definitivo para dedicar-se à família e aos seus negócios; b) análise do formato e estratégias de comunicação utilizados nos programas de TV do HGPE para atingir diretamente o eleitorado, reduzindo o peso da mediação de "chefes políticos"; c) análise do comportamento de "chefes políticos" nas decisões de apoiar Tasso para o Senado sem indispor-se com os Ferreira Gomes ou com suas "bases eleitorais"; d) quadro dos resultados eleitorais para o governo e Senado com destaque para a comparação de desempenho de Tasso na capital e em municípios do interior nos quais o candidato do governador, Camilo Santana, obteve mais ou menos votos que ele.

1. Disputas para o Senado no Ceará

Nomeada de Câmara Alta, o Senado Federal é a instância parlamentar mais importante no sistema bicameral brasileiro. Por ser uma representação por Estado, a eleição para o Senado, tal como para postos executivos, é majoritária e oferece aos eleitos a vantagem de desfrutar de um mandato de oito anos, durante o qual é possível candidatar-se sem prejuízos a outros cargos. Presidentes e governadores ao final de seus mandatos no executivo encontram no Senado a opção preferencial para continuar na política. Um caso exemplar é de José Sarney, que depois de encerrado seu mandato como presidente da República foi eleito Senador pelo Amapá em 1991 (mesmo sendo ele político do Maranhão) e reeleito sucessivamente para o mesmo cargo por ele ocupado até 2015.

Neiva (2005) destaca que 21 dos 27 presidentes eleitos na fase republicana foram Senadores antes ou depois dos mandatos, e 31,4% já tinham sido governadores no período de 1982-1988. Contraditoriamente, no entanto, não é raro que suplentes assumam o mandato de Senador sem ter obtido nenhum voto. Segundo Ferreira (2009), 174 suplentes de Senadores exerceram mandato no período de 1989-2008.

Por outro lado nos interessa destacar que a indicação de candidatos ao Senado nem sempre é feita considerando o critério de densidade eleitoral dos mesmos, mas sim em razão de ligações pessoais que mantêm com governadores em exercício ou candidatos à reeleição, ou por conveniências na montagem de coligações partidárias.

Uma breve análise dos Senadores eleitos no Ceará pós-redemocratização é ilustrativa disso. Em 1986 Cid Sabóia de Carvalho, por indicação do governador Gonzaga Mota, elege-se Senador pelo PMDB na onda do triunfo de Tasso Jereissati ao governo do Estado e do partido de oposição aos governos militares. Vale lembrar que Cid Carvalho fora derrotado em 1982 quando se candidatou a deputado estadual. No mesmo ano (1986) Mauro Benevides elege-se para ocupar a segunda vaga ao Senado. Neste caso, porém, tratava-se de político profissional com longa carreira na política cearense que teve início em 1955 com sua eleição para vereador pelo antigo PSD, para deputado estadual em 1959, reelegendo-se sucessivamente por mais quatro mandatos. Com o bipartidarismo imposto pelo regime militar, filiou-se ao partido de oposição, o MDB, destacando-se no Ceará como integrante do movimento pela redemocratização do país.

Beni Veras elege-se ao Senado em 1990, tendo sido indicado candidato pelo então governador com quem mantinha profundas relações pessoais e políticas que remontavam ao movimento dos empresários do CIC que projetou Tasso na política cearense em 1986. Sem que antes tenham sido vitoriosos em nenhuma campanha parlamentar, Sérgio Machado em (1994) e Luiz Pontes (1998), já filiados ao PSDB, elegem-se ao Senado como representantes do tassismo.

Ao deixar o governo, em 2002, Tasso elege-se Senador e para a segunda vaga, por obra e graça do seu prestígio pessoal, elege a ex-mulher de Ciro Gomes, Patrícia Saboya (então filiada ao PDT).

A ascensão do PT à presidência da República em 2002 implicou em alterações relevantes para o quadro da política cearense. Tasso (PSDB) mantinha aliança no plano estadual com os Ferreira Gomes, ainda que filiados a partidos diferentes e tendo posições opostas em relação ao governo federal. No Senado (de 2007 a 2010), Tasso destacou-se como um dos mais veementes opositores do PT e de Lula, enquanto os Ferreira Gomes os apoiava.

Em 2010 a pretensão do então governador Cid Gomes era apoiar Eunício Oliveira (PMDB) para uma vaga do Senado e a Tasso Jereissati

para a segunda vaga. Como já dito neste texto, a intervenção do então presidente Lula, candidato à reeleição, que aconteceu nas duas semanas finais da campanha, provocou uma reviravolta nos resultados previstos. Cid Gomes declara apóio a José Pimentel, candidato do PT ao Senado e Tasso, até então o primeiro colocado nas pesquisas, cai rapidamente para a terceira colocação. Esse episódio marca o rompimento das relações informais, de mútuo apóio político entre Tasso e os Ferreira Gomes.

Derrotado em 2010, a novidade em 2014 foi o retorno de Tasso para disputar a única vaga do Senado, desta feita integrando a coligação oposicionista. (PMDB / PSC / DEM / PSDC / PRP / PSDB / PR / PTN / PPS). Os Ferreira Gomes elegem o candidato ao governo, Camilo Santana, do PT, mas não conseguem repetir a escrita até então vigente de levar junto o seu candidato ao Senado, Mauro Filho.

O que destacamos aqui é o diferencial da campanha de Tasso em 2014 no HGPE. Produzida nos moldes de uma campanha independente e inovadora ela em nada lembra o padrão de campanhas para o Senado até então vigentes, não mais que ecos das campanhas para o governo estadual. A convocação feita aos eleitores, "Quem vota em Tasso para o Senado vota em Eunício para governador", é sugestiva da inversão do prestígio da campanha de Tasso em relação à de governador.

2. Cenário pré-eleitoral e eleitoral: sinais de enfraquecimento do monopólio dos Ferreira Gomes?

Duas declarações do Senador do PMDB e até então aliado Senador Eunício Oliveira, repercutiram na mídia como sinalizações de rebeldia ao comando do governador e sua base partidária na direção da sucessão estadual: "Agora é vez dos aliados" e "Esta eleição não vai ser de poste". Considerando que a imagem do governador e de sua gestão já não apresentavam percentuais de popularidade incontestáveis (pesquisa do Ibope, realizada entre os dias de novembro a 2 de dezembro de 2013, apontou que 20% dos eleitores reprovavam o governo Cid Gomes, e apenas 38% consideravam sua gestão ótima ou boa) ele não poderia se dar ao luxo de indicar de forma monocrática quem seria o candidato à sua sucessão, solapando assim a principal característica do atual ciclo político, o controle pessoal e isolado dos processos decisórios relativos à indicação de candidatos aos cargos majoritários do poder executivo ao governo estadual

e prefeitura da capital. A ampla aliança política, que em 2006 elegeu o atual governador, reelegendo-o em 2010, garantindo-lhe também ampla maioria na Assembleia, apresentava sinais de corrosão. As disputas internas do PT entre os que defendiam a manutenção da aliança do partido com o governo estadual e os que a contestavam, já se anunciavam em 2012, na disputa pela prefeitura de Fortaleza quando a prefeita do PT Luizianne Lins, rompe a aliança com o governador Cid Gomes e os dois lançam candidatos próprios para a prefeitura de Fortaleza, (Roberto Cláudio e Elmano Freitas), nomes que até o início da campanha eram desconhecidos do grande eleitorado e por isso nomeados "candidatos poste"[3]. A vitória de Roberto Cláudio, candidato do governador, sobre Elmano Freitas, candidato da prefeita ocorrida no 2º turno, fortaleceu os Ferreira Gomes para as negociações que foram feitas nas eleições estaduais de 2014, na medida em que a corrente petista da ex-prefeita Luizianne Lins que lhe fazia oposição ferrenha perdeu o comando estadual do partido. O PT ficou assim dividido: oposição na capital ao prefeito Roberto Cláudio (e ao cidismo); no plano estadual a direção do partido exercida por José Guimarães manteve apoio a Cid Gomes, com o argumento de que essa aliança era condição essencial para dar continuidade ao projeto petista a nível federal.

Os rumos da sucessão presidencial em 2014 eram decisivos para o governador Cid Gomes, justificando seu rompimento com o PSB, comandado por Eduardo Campos que se lançou candidato à presidência da República, para filiar-se ao recém-fundado PROS (janeiro de 2010) e desse modo expressar apoio irrestrito à reeleição da presidente Dilma Roussef. Uma demonstração de força de Cid foi carrear para o PROS a quase totalidade dos deputados estaduais e federais e prefeitos não só do PSB, mas de outros partidos de sua base política. Em reunião realizada no Centro de Eventos (01 de outubro de 2013) Cid anuncia *"agora somos o PROS e vamos à luta*". No próprio momento de sua criação o PROS converte-se no maior partido do Ceará, contando com o governador, o prefeito da capital, 37 prefeitos de municípios do interior, o presidente da Assembléia Legislativa (Zezinho Albuquerque), 5 deputados federais, 8 deputados estaduais e 287 vereadores, numa indicação clara de que a dinâmica política cearense é determinada por pessoas e grupos políticos e não por instâncias partidárias. Vale salientar, entretanto, que a força

[3] Ver CARVALHO e LOPES, 2011.

demonstrada naquele momento pode dissolver-se se considerarmos que um governador em fim de gestão, e sem mandato político não oferece perspectivas sólidas de manutenção do controle da máquina do Estado.

Sem dúvida o maior problema enfrentado por Cid Gomes em 2014 era a pretensão inegociável do Senador Eunício Oliveira (seu aliado nas campanhas de 2006, 2010 e 2012) de se lançar candidato ao governo estadual pelo PMDB, maior partido da base governista federal e estadual. Eunício argumentava que as concessões feitas em disputas anteriores lhe dava o direito de cobrar, em 2014, o apoio do governador à sua candidatura ao governo do Estado. Ficou claro desde o início que o apoio solicitado não lhe seria concedido, pois a vitória de Eunício Oliveira não poderia ser diretamente tributada ao governador, enfraquecendo assim o "cidismo". Por outro lado Cid teve ainda que administrar dentro de suas "bases" a disputa entre aqueles que pretendiam ser indicados à sua sucessão (o vice-governador Domingos Filho, os deputados estaduais Zezinho Albuquerque e Mauro Filho, Leônidas Cristino, e membros do seu secretariado, Isolda Cela, Arialdo Pinho, e Camilo Santana). A decisão do governador foi adiada até o esgotamento do prazo da justiça eleitoral para a realização das convenções partidárias (30 de junho). A escolha de Camilo Santana, filiado ao PT, mas considerado "cidista", certamente foi fruto de acordo entre o governador e o comando estadual do PT, o que poderá reduzir a margem de controle de Cid sobre a gestão do seu sucessor. Eunício Oliveira ampliava esforços para fortalecer a oposição. A ele uniram-se dois dos maiores críticos políticos dos Ferreira Gomes, Roberto Pessoa (PR), ex-prefeito de Maracanaú, e Tasso Jereissati (PSDB), derrotado ao Senado em 2010. O primeiro ocupou o lugar de vice na chapa para o governo e o segundo, revendo a decisão de "aposentadoria" política aceitou o desafio de enfrentar aqueles que considerava seus traidores e responsáveis por sua derrota em 2010. Com a adesão de partidos menores e conhecendo bem o inimigo a ser enfrentado, a oposição se apresentava para a batalha eleitoral com um suporte não desprezível de forças políticas. O cenário brevemente descrito, com a reorganização da oposição e perspectiva de uma campanha competitiva, era favorável à decisão de Tasso de retornar à política desta feita em um confronto direto com os Ferreira Gomes, escrevendo outro desfecho para sua carreira política.

O quadro das duas principais coligações para as candidaturas majoritárias ficou assim composto:

Tabela 1 - Coligações e candidaturas majoritárias no Ceará nas eleições de 2014.

	Coligação	Candidato ao governo	Candidato ao Senado
Situação	**Para o Ceará seguir mudando** PROS/ PRB/ PP/ PDT/ PT/ PTB/ PSL/ PRTB/ PHS/ PMN/ PTC/ PV/ PEN/ PPL/ PSD/ PCdoB/ PTdoB/ SD	Camilo Santana (PT)	Mauro Filho (PROS)
Oposição	**Ceará de todos** PMDB / PSC / DEM / PSDC / PRP / PSDB / PR / PTN / PPS	Eunício Oliveira (PMDB)	Tasso Jereissati (PSDB)

Fonte: elaboração própria com base nos dados do TRE-CE.

3. A campanha de Tasso ao Senado no HGPE: estratégias discursivas

A grande aposta do Governador Cid Ferreira Gomes era que o início do Horário Eleitoral de Propaganda na TV faria decolar seus candidatos ao governo do Estado e Senado, que pouco conhecidos do grande eleitorado, partiam de índices muito baixos de intenção de voto nas pesquisas publicadas na fase pré-eleitoral.

As estratégias discursivas utilizadas nos primeiros programas de Camilo (governo) e Mauro Filho (Senado) objetivavam apresentar os candidatos aos eleitores e vincular suas imagens aos bons frutos da gestão do governo Cid Gomes nas áreas de saúde, com a construção de UPAS e Hospitais Regionais; de educação com o Programa Alfabetização na Idade Certa (PAIC), inauguração de escolas de formação técnica para o ensino médio; dos resultados dos programas sociais realizados no Estado em parceria com o Governo Federal, tais como o Bolsa Família e o Minha Casa Minha Vida.

O fato de que tanto Camilo, como Mauro Filho terem sido secretários de estado nos dois governos de Cid Gomes permitia que fossem apresentados como coautores do projeto de um Ceará Melhor cuja continuidade seria por eles assegurada. O argumento dos ganhos para o Ceará de ter um governador e um Senador que estariam do mesmo lado da presidenta Dilma consagrava a defesa do situacionismo verticalizado.

Aos candidatos de oposição ao governo, Eunício Oliveira e ao Senado Tasso, caberia em tese a tarefa de construir uma contra imagem do governo de Cid extensiva aos seus candidatos: o aumento da criminalidade, as prioridades dadas a projetos considerados "elefantes brancos" como a construção de um Aquário; as carências das populações sertanejas agravadas pela seca. Ou seja, os alvos principais não eram os próprios candidatos, mas àquele que os indicara, o governador em exercício.

Não analisamos neste texto nem a campanha de Eunício Oliveira ao governo nem a de Mauro Filho ao Senado, fixando-nos na campanha de Tasso ao Senado no horário eleitoral da TV. Vale ressaltar que embora sejam majoritárias e com razoável tempo de TV, campanhas ao Senado são, via de regra, tratadas como apêndices das campanhas ao governo, e por consequência não se tornam objeto de análise. A campanha de Tasso ao Senado em 2014 rompe a tendência mencionada. Ela contou com equipes qualificadas de marketing, publicitários e técnicos em audiovisual especificamente voltados para a produção de forma totalmente independente da campanha do candidato ao governo de sua coligação.

Depoimentos de dois jovens profissionais que trabalharam no grupo de comunicação da campanha foram bastante elucidativos. Eles destacaram as inovações introduzidas na linguagem e na estética para tornar a campanha interessante e eficaz:

> A linguagem, a gente teve que se adaptar, a linguagem como a gente tá chegando nas pessoas é bem diferente. Até ele (Tasso) tipo, como cara que também se modernizou pra caramba, ele não ficou no passado, ele se adequou. E acho que ele é um cara bem mutável, o discurso dele continua super relevante (...) tipo ele é um cara que ele se reinventa se for necessário e continua relevante e marcante. Acho que um dos aspectos bacana dessa campanha foi isso, porque a gente conseguiu fazer essa fusão, tipo corrigir alguns supostos erros (Yohana, publicitária, entrevista realizada em 11 de dezembro de 2015).

O objetivo central da campanha era "reinventar" a imagem pública do Tasso Jereissati, com a fusão entre a imagem do "grande homem", construída nos já longínquos "governos da mudança", e a do "homem acessível", com quem qualquer pessoa do povo poderia conversar, partilhar os seus problemas. O pressuposto é que existia uma imagem negativa e falsa de Tasso, que os opositores lhe tinham atribuído e que era necessário desmontar: pessoa autoritária, intocável, distante do povo e de suas dificuldades:

> A gente tentou passar o que ele é de verdade. Nessa campanha a gente tentou ser o mais verdadeiro possível, tipo, o Tasso ele é aquela pessoa que a gente mostrou. O cara mais verdadeiro, as vezes sério, mas as vezes brincalhão, mas sempre com esse espírito (Yohana, publicitária, entrevista realizada em 11 de dezembro de 2015).

Com o objetivo de identificar quais estratégias discursivas foram priorizadas na campanha, selecionamos para análise programas de Tasso no HGPE na TV que oferecem claras pistas materiais dos sentidos que se pretendia fossem partilhados pelos eleitores. Isto porque o que vai ao ar é objeto de um planejamento prévio que filtra o que dizer, e principalmente o como dizer, de modo a tocar os eleitores quer com argumentos irrecusáveis quer pela mobilização de emoções positivas, como afirmado por um dos publicitários entrevistados:

> Nada foi criado por acaso, tipo, por mais que tivesse um apelo visual super agradável, tudo aquilo estava conectado como o que tava na pesquisa, isso é que foi bacana (...) tudo era testado porque a gente queria saber o que as pessoas curtiam de verdade, mostrar pra elas quem era o candidato de verdade" (*Idem*).

O engajamento entusiasta dos jovens profissionais que trabalharam na campanha, que disseram acreditar politicamente no que estavam fazendo, provavelmente contribuiu para o sucesso da campanha*: "As vezes se precisasse eu tava lá, no corte, na câmara, ajudando a direção. Funcionou tudo assim, as pessoas tinham um comprometimento muito grande" (Idem).*

Embora se tratasse de uma candidatura de oposição, evitou-se na campanha o ataque aos adversários. O foco era posicionar a imagem de Tasso de modo singular, situando-o como personagem de um enredo político próprio que transitava do passado ao presente para falar sobre a promessa

de um futuro melhor: o "grande homem" que 2010 anunciara seu afastamento da política, em 2014 atende ao apelo do povo para a ela retornar.

O primeiro programa que foi ao ar em 20 de agosto, atualiza a imagem do Tasso que em sua primeira campanha para o governo do Estado em 1986 representara a grande mudança para um Ceará moderno. O que se festejava era a volta do "galeguim dos óios azul", como então chamado de forma carinhosa. Os depoimentos dos que viveram um passado anterior aos "governos das mudanças" são confrontados com as realizações que modernizaram o Ceará:

> Eu era muito pequeno mas eu via o galeguim dos óios azul, quando ele veio para mudar tudo, naquela época era tudo difícil, os meios de transporte, água ninguém tinha em casa (José Airton, morador de Quixadá, HGPE de Tasso para o Senado em 2014).
> Eu vejo o Tasso, o Tasso da época, ele era um governo presente em todas as ações que se fazia no Estado (Ednaldo, vaqueiro, morador de Crato).
> Tudo que nós temos hoje foi por conta dele, Castanhão, Aeroporto, Porto do Pecém... (Felipe Dantas, morador de Fortaleza, HGPE de Tasso para o Senado em 2014).

Os depoimentos são intercalados com falas de Tasso:

> Olha, no Ceará em 86 nós vivíamos uma crise de identidade muito grande, olhava ao redor e via a imagem do estado que devia a todo mundo e não pagava, o estado com maior índices de analfabetos do Brasil, o estado com maior índice de mortalidade infantil e resolvemos enfrentar essa situação participando como vocês estão fazendo hoje. Eu acho uma das grandes vitórias que eu tive, senão a maior vitória nesse primeiro governo, foi ver o cearense andar por aí, em qualquer parte e dizer, "eu sou cearense!" e o cara dizer, "poxa, que bacana o que vocês estão fazendo por lá" (Tasso Jereissati, HGPE de Tasso para o Senado em 2014).

Ainda no mesmo programa outro lado da imagem de um "Tasso próximo ao povo" é ressaltado em depoimentos: "Tasso foi quem abriu as portas do Estado do Ceará para as lideranças meu filho!" (D. Tatá, líder comunitária, moradora de Fortaleza, HGPE de Tasso para o Senado em 2014) ou "O Tasso sabe ouvir e sabe falar na hora certa" (Jairson da Silva, educador físico, Fortaleza, HGPE de Tasso para o Senado em 2014).

A confirmação mais uma vez é dada pelo próprio candidato: *"a gente dava recursos para um grupo de pessoas numa mesma comunidade, desde que eles tivessem um projeto que melhorasse a vida das pessoas naquela comunidade" (Tasso Jereissati, HGPE de Tasso para o Senado em 2014).*

O slogan da sua campanha, "Tasso o Senador de todos os cearenses", é uma denúncia implícita ao domínio do governador sobre Mauro Filho, seu principal oponente da disputa ao Senado. O argumento é o de que "ser independente" é condição de um bom desempenho no Senado:

> (...) o mais importante prá isso é que o Senador seja independente, que não tenha medo de governo, não tenha padrinhos que o orientem, que não tenha outros interesses, não tenha chefe, isso eu garanto pra vocês, a minha independência total e compromisso só com o Ceará, com os cearenses (Tasso Jereissati, HGPE de Tasso para o Senado em 2014).

O programa que foi ao ar no dia 22 de agosto, intitulado "Tasso e Você', evidencia de forma paradigmática a intenção de mobilizar fortes emoções ao dar a conhecer a face humana do candidato. O cenário inicial, o distrito de Antônio Diogo em Redenção, onde está situado o mais antigo hospital do Ceará a receber doentes com hanseníase, confere autenticidade à narrativa feita pelo senhor José Arimateia. Sentado em uma cadeira de rodas, deixando à mostra a falta de mãos perdidas para a doença, ele fala no interior da sua casa, ambiente simples mas bem cuidado, para fazer revelações sobre quem era o "Tasso verdadeiro". A narrativa é acompanhada por imagens em preto e branco da campanha de Tasso em 1986, registros de sua presença em eventos em que era cercado e abraçado pelo povo.

> Em 86 eu fui convidado para representar o Antônio Diogo e a classe hanseniana. Tasso muito novo e na parte dos meus discursos eu digo, Olha a oposição diz que o senhor não quer saber de pobre, de deficiente, de cego ou que tenha qualquer doença contagiosa, eu olhei pra ele e as lágrimas tava descendo. Ele me abraçou, ele entrou pra Colônia, até hoje não saiu da minha memória… Da postura dele em abraçar cada paciente, que tinha que fazia pena e dó, e começou a nossa história. Nunca ele desprezou um pedido nosso! Energia, lavanderias públicas e acima de tudo, a água para nós consumirmos. Obrigado meu Deus! Por um dia ter botado no nosso caminho Tasso Jereissati. Nós vamos ter ele pra defender os nossos irmãozinhos que sofria tanto quanto eu sofri. É essa história que eu tenho pra contar (José Arimatéia, morador de Redenção, HGPE de Tasso para o Senado em 2014).

Figura 1- José Arimatéia no HGPE de Tasso para o Senado em 2014.

Fonte: HGPE de Tasso Jereissati para o Senado em 2014

No mesmo programa outra imagem de Tasso é construída em uma cenografia reiteradamente utilizada em toda a campanha: um estúdio onde o candidato trava uma conversa coloquial com jovens. A cenografia se incorpora ao que é dito reforçando a imagem de Tasso que se quer mostrar, ao mesmo tempo que rechaça àquela difundida por seus opositores (político autoritário, pouco afeito ao diálogo).

> **Jovem:** Tasso gostaria de saber qual o seu sonho para o futuro do Ceará?
>
> **Tasso:** O meu sonho para o futuro do Ceará eu acho que foi o sonho da minha geração quando nós entramos na política, eu acho que é o sonho de vocês também, que todos os cearenses tivessem saúde de qualidade, tivesse uma formação de boa qualidade e um bom emprego com renda. Nasci aqui e meu pai foi morar fora depois eu voltei pra cá com cerca de 20 anos nunca mais saí daqui, fiquei morando aqui, meus filhos nasceram aqui, os meus netos quero que morem aqui. Nós temos que fazer uma política que não olhe só o presente, fazer aquilo que é popular no momento e não aquilo que é necessário para garantir um futuro bom para todos (HGPE de Tasso para o Senado em 2014).

A função do narrador com afirmações intercaladas aos depoimentos era de oferecer uma síntese das realizações de Tasso:

> **Narrador:** Ele foi o governador e Senador do Porto, Aeroporto, Castanhão, da Indústria e do emprego no sertão. Por isso no Ceará o povo chama ele assim, num é "Tasso Jereissati" é o nosso "Galeguim".
>
> **Narrador:** O governo Tasso levou água para 4 milhões de pessoas, e a rede elétrica passou de 15% para 81% do Ceará (*Idem*).

Figura 2 - Tasso e os jovens no HGPE

Fonte: HGPE de Tasso Jereissati para o Senado em 2014.

A presença do seu "Lunga", popularmente conhecido por ser do "contra", por sua tolerância zero a mentiras e a indagações óbvias, ilustra que até ele se rendeu a importância de apoiar Tasso:

"Seu Lunga: Esse é um homem que o Brasil precisa;

Narrador em off: Senador bom até 'seu Lunga elogia';

Predomina em quase todos os programas a cenografia da conversa encenada: Tasso com você; Tasso com Maria; Tasso com Tereza; Tasso com Liduina. São pessoas reais que falam emocionadas de suas experiências quando trabalharam em projetos do governo de modo especial como agentes de saúde da família, no projeto São José.

A "cearensidade" é buscada na música de forró, nas cantorias e no cordel, com a presença de seus autores que declaram apoio à candidatura de Tasso.

O último programa do HGPE é ilustrativo do tom descontraído e original que se desejava alcançar ao apresentar-se como "festa surpresa" para celebrar a volta de Tasso à política e antecipar a certeza de sua vitória. Os organizadores da "festa" são os que apareceram ao longo da campanha, pessoas reais, com nome e sobrenome, que chegam um a um para reiterar seus sentimentos em relação ao candidato:

> **Pedro Caldas** (estudante): Senador, eu queria lhe agradecer pelo senhor ter aceitado a voltar ser candidato ao Senado. Como o senhor sabe, não sou só eu que quer agradecer para o senhor, pelo senhor ter voltado. Tem muita gente que quer agradecer para o senhor também, e que está aqui e veio lhe agradecer pessoalmente.
> **Mario Costa** (trabalhador): Em nome do povo maranguapense vim desejar boa sorte nessa reta final, que o senhor possa contar conosco. E novamente agradecer por tudo o que o senhor fez. Pela família maranguapense quando trouxe as empresas para Maranguape. E como eu disse na primeira vez, eu não sou de abraçar macho, só meu filho e meu pai que eu perdi com 9 anos, mas novamente a você eu repito esse abraço com a sua permissão.
> **Dona Tatá** (líder comunitária): Essa vitória é encantada, porque em cada casa do Mucuripe, que eu tenho andado, que eu tenho visitado, fora mesmo no interior, e só ando, aonde as pessoas dizem assim, "Eu sou Tasso!". Por isso, eu quero lhe dizer é a vitória mais linda que o senhor teve e vai ter porque Nossa Senhora Aparecida está do seu lado.
> **Thiago** (Estudante): Santa Quitéria hoje é eternamente grata ao senhor por causa do açude Edson Queiroz. Se não fosse o açude Edson Queiroz, Santa Quitéria estaria hoje enfrentando uma grande seca.
> **Sirano** (cantor de forró que interpretava a música da campanha): O orgulho do cearense e de ser cearense, foi depois do Tasso Jereissati, com as mudanças que fez no Ceará (*Idem*).

Ao final Tasso agradece e retribui as homenagens que lhe foram prestadas**:**

> Eu nunca fiz nada sozinho, tudo foi, absolutamente acompanhado de muita gente boa como essas que estão aqui. Essa campanha não foi feita por mim, foi feita por você, e acho que foi a Dona Tatá que disse, que talvez essa campanha seja uma das mais bonitas, se não a

> mais bonita, pra mim com certeza. Sentia mesmo o afeto das pessoas me recebendo de braços abertos. Que me deu uma sensação e um sentimento de satisfação, de vitória espiritual e de realização, porque, como eu disse, eu vou levar sempre comigo (*Idem*).

O cantador Luizinho de Irauçuba encerra o programa com uma toada sobre Tasso, na qual ele é comparado aos grandes homens que fizeram a história política do Brasil;

> Diz a história brasileira, que homem que diz e faz, tem que ficar na história registrado nos anais, Getúlio em Rio Grande, Tancredo em Minas Gerais, na politica e no debate igual Tasso Jereissati no Brasil não nasce mais. Eu trouxe a minha viola, no repente aqui eu louvo em nome dos forrozeiros, em nome do nosso povo, tudo que o Tasso faz tem 100% de aprovo. Eu vim trazer um abraço, eu sempre votei no Tasso e pretendo votar de novo (*Idem*).

4. Chefias Políticas e resultados eleitorais nas eleições para governo e Senado em 2014.

As pesquisas eleitorais anteriores ao início oficial da campanha apontavam para uma ampla vitória de Eunício para o governo. Somente em setembro Camilo começou a crescer nas intenções de voto. Nas pesquisas do segundo turno Camilo já aparecia à frente do peemedebista, tendência que se confirmou nos resultados eleitorais expostos no quadro abaixo.

Tabela 2 - Resultado do 2º turno - Governador do Ceará - 2014.

Candidato	% de votos	Total de votos	Situação
Camilo Santana (PT)	53,35	2.417.668	Eleito
Eunício Oliveira (PMDB)	46,65%	2.113.940	Não eleito

Fonte: elaboração própria com base nos dados do TRE-CE.

Na disputa para o Senado desde a fase pré-eleitoral as pesquisas indicavam a vitória de Tasso sobre o candidato do governador, Mauro Filho. Acreditava-se, no entanto, que a alteração desses dados seria uma questão de tempo, e que em 2014, como em disputas anteriores, os candidatos vitoriosos ao governo e Senado seriam os indicados pelo então governador Cid Gomes.

O "efeito Cid" funcionou para seu candidato a governador, Camilo Santana, mas não para seu candidato ao Senado, Mauro Filho.

Em todas as pesquisas divulgadas na fase pré-eleitoral Tasso manteve-se sempre como primeiro colocado. Em pesquisa Datafolha realizada nos dias 8 a 19 de setembro, Tasso atinge 58% contra 19% Mauro. Computando-se apenas os votos válidos ele alcançava 74%. A tendência de Tasso era ascendente, e sua vitória em nenhum momento foi ameaçada pelos resultados de Mauro Filho. Em pesquisa Datafolha, realizada em 18 e 19 de setembro, 83% dos eleitores que afirmaram votar em Eunício, declaravam voto em Tasso para o Senado e apenas 19% em Mauro Filho, enquanto entre os eleitores de Camilo 44% declaravam voto em Tasso e apenas 39% em Mauro. Ou seja, na percepção dos eleitores as duas campanhas para o governo e Senado pareciam estar desvinculadas.

O que mais surpreendia, é que as intenções de voto eram favoráveis a Tasso tanto nos municípios do interior, onde se esperava que as "bases eleitorais" governistas fossem mais fortes, como em Fortaleza: Tasso tinha 60% de votos no interior e Mauro Filho apenas 20%. Em Fortaleza e Região Metropolitana, onde (com exceção de sua primeira eleição para governador e a de Ciro Gomes para a prefeitura de Fortaleza em 1988) sempre fora derrotado, Tasso apresentava em 2014 índices de 54% de intenção de votos, enquanto Mauro aparecia com 18%.

A vitória de Tasso confirmou-se em 5 de outubro: ele venceu em 121 dos 184 municípios cearenses, totalizando 2.314.796 votos enquanto Mauro Filho, segundo colocado, obteve 1. 573.732.

Tabela 3- Resultado das eleições para o Senado no Ceará em 2014.

Candidato	Total de votos	% de votos	Situação
Tasso Jereissati (PSDB)	2.314.796	57,91	Eleito
Mauro Filho (PROS)	573.732	39,37	Não eleito

Fonte: elaboração própria com base nos dados do TRE-CE.

Tomando como referência as eleições de 2014, é possível fazer algumas inferências sobre o papel que as "chefias políticas" exerceram para a vitória de Camilo ao governo e Tasso Jereissati ao Senado.

Para além de um território definido onde determinado candidato concentra sua votação, a base eleitoral é um espaço de relações sociais sob

o qual o político/candidato vincula-se a partir de relações de conhecimento, amizade e compadrio mantidas com/entre lideranças locais e eleitores a fim de obter apoio eleitoral (BEZERRA, 1999). Como dito acima, as bases eleitorais pressupõem que a adesão dos eleitores a determinados candidatos é mediada pelos "chefes políticos" municipais que ganham maior importância quanto mais distantes e/ou mais desconhecidos sejam os candidatos. São eles que ao prestar apóio a determinados candidatos contribuem para viabilizar sua eleição. É por meio deles que os postulantes se integram à comunidade e à base eleitoral onde pleiteiam obter votos. Em função do sistema eleitoral misto, os chefes políticos exercem funções e/ou são acionados de modo diferenciado para os cargos de deputados federais e estaduais e para governadores e Senadores, por exemplo. Para as candidaturas proporcionais, os postulantes tendem a ser votados distritalmente, ou seja, suas bases eleitorais costumam ser concentradas em regiões e/ou grupo de municípios próximos (ou grupos de interesse). Ao contrário, em eleições estaduais majoritárias, os postulantes a governador e a Senador são obrigados a buscar votos em todos os municípios.

É evidente que o apóio da base política do governador Cid foi decisivo para a vitória de Camilo para o governo. Porém vale ressaltar que os resultados mostram uma campanha altamente competitiva. Camilo venceu o primeiro turno com 47,8% dos votos, contra 46,41% de Eunício. A apertada vitória levou a disputa entre os dois candidatos para o 2º turno no qual Camilo elege-se com 2.417.668 votos (53,35%) e Eunício obtém 2.115.849 votos (46,65%). Destacamos que o anúncio da candidatura de Camilo (PT) só ocorreu no final de junho de 2014, a três meses do pleito. No plano federal, o PMDB continuava apoiando o PT e a presidente Dilma não veio ao Ceará no 2º turno para não criar problemas entre dois candidatos que eram seus aliados.

Como compreender a vitória avassaladora de Tasso na maioria dos municípios do interior? Os termos chefias políticas e bases eleitorais tal como definidos na ciência política são aplicáveis à análise da vitória de Tasso para o Senado em 2014? Tasso venceu em 121 dos 184 municípios cearenses, totalizando 2.314.796 votos (57,91%), Mauro Filho seu principal opositor, obteve 1.573.732 votos (39,7%).

Em Fortaleza, onde é baixa a atuação de chefes políticos, a vitória de Tasso confirmou-se com 29,24% dos votos contra 20,03% de Mauro Filho. Tasso obteve no primeiro turno um número de votos maior que os candidatos ao governo, Camilo e Eunício.

Admitindo que prefeitos atuem como chefes políticos em seus municípios, é interessante ressaltar que Tasso levava desvantagem neste item em relação ao candidato do governador, Mauro Filho. O quadro abaixo mostra a evolução de prefeitos eleitos por partido nas eleições de 2008 e 2012.

Tabela 4 – Evolução de prefeitos eleitos em 2008 e 2012 no Ceará

Partidos	2008	2012	Evolução
PSB	22	29	17
PT	14	30	16
PSD	0	27	27
PMDB	33	21	-12
PRB	17	16	-2
PDT	2	8	-3
PSDB	54	8	-46
PC do B	5	7	2

Fonte: Diário do Nordeste.

As alterações identificadas explicam-se pelas vinculações dos prefeitos não aos partidos, mas aos grupos políticos que dominam a política no estadual. Foi o que aconteceu nas eleições de 2012, quando os partidos que elegeram maior número de prefeitos foram os que tinham ingressado no partido do governador (PSB) ou estavam em sua base política. Em contrapartida o PSDB, partido de Tasso, que em 2008 elegera o maior número de prefeitos do Ceará (54), em 2012 na oposição aos Ferreira Gomes, elegeu apenas 8.

A saída dos Ferreira Gomes do PSB em 2013 para filiar-se ao PROS, partido recém criado, novamente ocasionou grandes modificações no número de prefeitos por partido, re-configurando o mapa político e partidário estadual. O título de matéria do jornal o Estado (18 de janeiro de 2014) é bastante elucidativo: "Quatro siglas comandam 77,7% das prefeituras do Ceará".

O PROS, tornou-se o maior partido do Ceará passando a comandar 66 prefeituras, ou seja, 35,86% dos 184 municípios cearenses. Outros partidos da coligação situacionista também se beneficiaram com o "troca-troca" do ano anterior, caso do PT que passou dos 16 prefeitos eleitos em 2012 para 29. O PROS administrava, além de Fortaleza, outros grandes

municípios como Aquiraz, Beberibe, Cascavel, Eusébio e Maranguape, e o PT tinha os prefeitos de Sobral e Barbalha. Na coligação oposicionista o PMDB, que em 2012 rompeu com o grupo dos Ferreira Gomes, apresentava-se em 2014 como o maior partido com 22 prefeitos, número bem menor que o da coligação situacionista.

Nas eleições de 2014, considerando que deputados estaduais e federais tendem a atuar como chefes políticos em suas bases eleitorais apoiando candidaturas majoritárias, a situação era também plenamente favorável à coligação dos Ferreira Gomes que com o "troca troca" de partidos ocorrida no ano anterior contava com a maior bancada de deputados federais e estaduais. Os dois principais partidos da coligação situacionista, PROS e PT, contavam com 15 deputados estaduais e o PSDB deixou de ter presença no poder legislativo com a ida do seu único deputado estadual, Fernando Hugo, para o PROS, que justificou assim sua decisão: "*Deixei o PSDB devido principalmente ao esvaziamento quantitativo, o que dificulta as eleições*" (GLOBO, 2014).

Comparando os resultados eleitorais obtidos em 2014 pelo PROS e PSDB para a Câmara Federal e Assembléia Legislativa temos os seguintes números: PROS lançou nove candidatos a deputados federais, elegeu três[4], acumulando 614.852 votos; PSDB concorreu com oito candidatos, mas elegeu apenas um[5], recebendo apenas 196.987 dos votos válidos. Para a Assembléia Legislativa, o PROS teve dezenove postulantes, dos quais doze[6] foram eleitos, conquistando um total de 919.367 votos válidos; com 17 concorrentes, PSDB elegeu apenas um[7], obtendo 86.794 votos.

À guisa de ilustração, analisamos a disputa de bastidores em busca de apoio político de chefias políticas dos municípios de Acarape e Barreira recorrendo a entrevistas realizadas com um assessor de Mauro Filho e com lideranças políticas dos municípios citados[8].

---

[4] Os deputados federais eleitos pelo PROS foram Domingos Neto (185.226 votos), Leônidas Cristino (91.085 votos) e Balman (87.666 votos).

[5] Raimundo Gomes de Matos, com 95.145 votos.

[6] Zezinho Albuquerque (95.253 votos), Dr. Sarto (85.310 votos), Sérgio Aguiar (85.060 votos), Ivo Gomes (73.055 votos), Roberto Monteiro 67.018 votos), Wellington Landim (66.213 votos), Duquinha (64.414 votos), Odilon Aguiar (57.454 votos), Antônio Granja (51.368 votos), Laís Nunes (48.929 votos), Jeová Mota (48.659 votos) e Miriam Sobreira (44.541 votos).

[7] Carlos Matos, que conquistou 29.036 votos.

[8] A escolha pelos municípios deveu-se a proximidade com ambos devido ao desenvolvimento de pesquisas de doutoramento de Monalisa Lima Torres.

Todos ressaltaram a importância da "cobrança de fidelidade nos períodos eleitorais", sobretudo em função das novas alianças costuradas após a ruptura do PMDB com o PROS dos Ferreira Gomes, forçando chefes políticos a montar arranjos eleitorais heterogêneos de modo a agradar os candidatos com quem se consideravam compromissados.

Em função do alinhamento político ao PROS, Franklin, principal chefe político e prefeito de Acarape, apoiou os dois candidatos da coligação situacionista: governador Camilo Santana e Senador Mauro Filho (PROS). Franklin contou com as lideranças políticas e vereadores de sua base aliada no apoio aos seus candidatos. O mais importante líder político da oposição, Acélio Freitas (PRTB), candidato a deputado estadual, montou outra composição na qual apoiava candidatos da coligação oposicionista: governador Eunício Oliveira (PMDB), Senador Tasso Jereissati (PSDB). Camilo venceu no município com 3.995 votos, pouco mais que Eunício, que obteve 3.764 votos; para o Senado Mauro Filho obteve 3.692 e Tasso, 4.033 votos.

Em Barreira, Antônio Peixoto (PMDB), prefeito do município, desde sua entrada na política mantém relações com Mauro Benevides (PMDB) e com Mauro Filho, dos quais recebeu apoio durante toda a sua carreira política no município. Como pemedebista desde as origens do partido, Peixoto também fez campanha para Eunício Oliveira ao Senado em 2010 e recebeu dele apoio para sua reeleição à prefeitura em 2012. Com as clivagens ocorridas para as eleições de 2014, Peixoto foi procurado pelas assessorias políticas de ambos os grupos que lhes cobraram apoio. Em função de compromissos assumidos, Peixoto apoiou Mauro Filho (PROS) para o Senado e Eunício Oliveira (PMBD), para governador. Essa composição gerou desconforto principalmente para a assessoria de Mauro Filho que, esperava apoio incondicional as suas candidaturas majoritárias (Senado e governo do estado), chegando a postar nas redes sociais o desapontamento com "algumas lideranças políticas do Ceará pela falta de compromisso com o deputado Mauro Filho, que sempre os apoiou"[9].

[9] Segundo a assessoria política de Mauro Filho, Peixoto havia fechado acordo para apoiar as candidaturas de Mauro Filho e Camilo Santana, mas por impasses em sua base de sustentação no município (pressão de alguns vereadores pemedebistas) e pelos resultados da pesquisa de intenção de votos apontando a grande vantagem de Eunício sobre seu principal concorrente, Camilo; Peixoto optou por compor com Eunício para o governo e Mauro Filho para o Senado. No segundo turno, Peixoto divide seu grupo de modo a continuar apoiando Eunício e ter uma liderança política de sua base apoiando, com sua permissão, Camilo Santana, que vence no município.

Parte da oposição ao prefeito no município também apoiou Eunício para o governo e Tasso para o Senado. Segundo Teobaldo Muniz, assessor de Mauro Filho, não foi raro o fato de prefeitos "fecharem" com Mauro e Camilo e depois de "voltar aos municípios, conversando com as bases, e vendo os resultados das pesquisas, irem negociar com Eunício".

Os dados gerais, considerando o número de prefeitos e de deputados federais e estaduais da base eleitoral dos Ferreira Gomes, levam a crer que a vitória de Tasso não pode ser tributada aos chefes políticos municipais, mas à forma como sua imagem foi re-elaborada na campanha ao Senado em 2014. Colocando-se acima das querelas "situação *versus* oposição", evitando o enfrentamento direto ao adversário (como faziam Eunício e Camilo), Tasso garantia a preferência tanto de eleitores de Eunício quanto de Camilo.

5. A vitória de Tasso em 2014: repercussões possíveis sobre o "cidismo"

Vale ressaltar que em 2014 o controle da máquina do governo estadual e da prefeitura de Fortaleza favorável a Camilo Santana e Mauro Filho, tinha no outro prato da balança o peso de uma candidatura ao governo do PMDB, partido com fortes raízes municipais, e para o Senado, Tasso Jereissati, que recorreu à memória de sua imagem pública consagrada como modernizador da política do Estado para atacar a dominação da política cearense por um grupo familiar, os Ferreira Gomes.

Admitimos que o voto em Tasso apresentava um caráter suprapartidário, ou seja, pouco dependente de partidos políticos e do trabalho de "chefes políticos", mas sim do sucesso da estratégia de atualizar a sua imagem na memória dos eleitores mais velhos e de apresentá-la de forma positiva aos jovens. O fato inusitado de um candidato a Senador ter mais prestígio que do candidato a governador de sua chapa foi confirmado. A votação de Tasso foi superior à de Eunício e sua vitória aconteceu na maioria dos municípios do interior e na capital.

No Ceará aconteceu uma desvinculação entre a disputa presidencial e a disputa para o Senado: o voto na presidente Dilma, que alcançou mais de 60%, não inviabilizou a vitória de Tasso, candidato do PSDB, maior partido de oposição ao PT e ao lulismo.

Em uma situação de transição política reduz-se a eficácia do principal argumento que sustenta a estratégia da verticalização do situacionismo que invoca as vantagens do alinhamento das esferas do poder federal, estadual e municipal: "é bom que todos estejam do mesmo lado". Em um quadro de incerteza é melhor, como dito no ditado popular, "não arriscar todos os ovos em um mesmo cesto".

Outro sinal de que um ciclo de poder começa a esgotar sua capacidade de reprodução é a tendência de desagregação dos grandes condomínios partidários com a saída de partidos ou de políticos de projeção que irão se tornar articuladores da oposição aos antigos aliados. Foi o que aconteceu em 2014 com a decisão de Eunício Oliveira de romper a aliança com Cid Gomes, para se lançar candidato ao governo pelo PMDB. A escolha do candidato à sua sucessão foi do governador Cid Gomes, mas desta feita dependeu de negociações: para desistir da pretensão de candidatar-se ao Senado, José Guimarães exigiu que o candidato ao governo fosse do PT. Vale ressaltar que a principal liderança política que consagra a existência e continuidade de um ciclo político, enfrenta dificuldades quando ela própria não pode candidatar-se à reeleição e indica um candidato para sucedê-lo. A escolha de um candidato sem força política própria foi a opção de Cid, que assim pretendia ter a lealdade total de quem lhe devia a vitória.

A oposição ao cidismo encontrava abrigo também na tendência do PT liderada por Luizianne Lins, candidata a deputada federal, que assim como Elmano Freitas e Eudes Xavier, candidatos a deputado estadual, se recusaram a fazer campanha para os candidatos de um governo que consideravam inimigo.

Um exemplo a destacar é notícia do jornal O Povo sobre a declaração de um candidato a deputado da coligação situacionista, Fernando Hugo, que entrou na justiça para reivindicar o direito de não incluir em sua propaganda eleitoral os nomes dos candidatos ao governo e Senado. Vale lembrar os riscos da opção de Cid Gomes de não se afastar do governo para candidatar-se ao parlamento, permanecendo no comando direto da campanha eleitoral. Sem mandato, o ex-governador passa a depender da fidelidade do governador em exercício. Por outro lado o ônus da derrota do candidato ao Senado, indicado por Cid Gomes, recaiu mais fortemente sobre o padrinho do que sobre o afilhado, Mauro Filho, um candidato pouco conhecido dos eleitores.

Em março e abril de 2016 a movimentação partidária do grupo dos Ferreira Gomes que sai do PROS para filiar-se ao PDT provocou novas e significativas modificações no quadro político estadual. O PDT torna-se a

maior sigla partidária na Câmara Municipal e na Assembleia Legislativa enquanto o PROS perde todos os seus representantes. Essa foi sem dúvida uma demonstração de força política dos Ferreira Gomes, que abrigado em um partido de maior relevância ao nível nacional pretende mais uma vez viabilizar a candidatura de Ciro Gomes à presidência da República em 2018. O principal nome do PDT no Ceará, o deputado Heitor Ferrer, há 26 anos no partido, tendo sido candidato a prefeito com expressiva votação em 2012, afasta-se do partido onde não teria chance de candidatar-se mais uma vez à prefeitura de Fortaleza em 2016, considerando que o neopedetista e prefeito, Roberto Claudio, será candidato à reeleição. Em entrevista ao jornal O Povo Heitor Ferrer, declarou que sua permanência no PDT era incompatível com a entrada dos Ferreira Gomes de quem sempre fora opositor na Assembléia. Ao anunciar seu ingresso no PSB (que já dera abrigo aos Ferreira Gomes), ele faz um ataque bombástico aos Ferreira Gomes acusando-os de exercer ação predatória sobre os partidos aos quais se filia: "O PDT virou um bom bife para um "bom predador".

Ao nível nacional duras críticas ao nomeado oportunismo dos Ferreira Gomes também foram feitas pelo Senador Cristovão Buarque, figura histórica do partido que ameaçado em seu projeto de candidatura à presidência em 2018 pela força dos neopedetistas cearenses, sai do partido filiando-se ao PSB.

Se considerarmos o quadro atual da política no Ceará não há dúvidas sobre a força do grupo político dos Ferreira Gomes. Entretanto as grandes mudanças, ao nível do governo federal, provavelmente trarão reflexos sobre a continuidade de sua hegemonia que tem suporte no situacionismo verticalizado. A crise econômica e os escândalos da "lava jato", que abalaram o PT culminando com o processo de *impeachment* da Presidente Dilma Roussef e seu afastamento da presidência, são fatores que tendem a desestabilizar as posições dos Ferreira Gomes que já não podem contar com aliados fortes como Lula e Dilma. Ao contrário, os irmãos Cid e Ciro Gomes endereçam ao atual presidente em exercício, Michel Temer, xingamentos públicos, o que os coloca, não só apenas como adversários mas inimigos.

O quadro de forças na política estadual pode mudar em razão do fortalecimento no Estado do Senador Eunício Oliveira (PMDB) e de Tasso Jereissati (PSDB) com repercussões nos próximos pleitos de 2016 e 2018.O fluxo acelerado dos acontecimentos políticos torna temerário quaisquer prognósticos eleitorais.

Referências bibliográficas

BEZERRA, Marcos Octávio. *Em Nome das Bases – Política, Favor e Dependência Pessoal.* Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accyoli; LOPES, Monalisa Soares. A disputa entre "candidatos poste" pela prefeitura de Fortaleza em 2012. In: Reunião da Associação Brasileira de Ciência Política, Brasília, agosto de 2011.

CARVALHO; Rejane Vasconcelos Accioly; AQUINO, Jakson. A Derrota de Tasso Jereissati na disputa para o Senado em 2010: como entender a dissolução de suas bases eleitorais" in *Revista Debates*, Porto Alegre, v 5, n.2, p 145-180, julho-dezembro 2011.

DIÁLOGOS POLÍTICOS. Quem controla os votos nos municípios do Ceará. *Diálogos Políticos,* Fortaleza, 11 out. 2014. Disponível em: <https://dialogospoliticos.wordpress.com/2014/10/11/>. Acesso em: jan. 2016.

DIÁRIO DO NORDESTE. PSB foi o partido que mais elegeu prefeitos no Ceará. *Diário do Nordeste.* 28 out. 2010. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/politica/online/psb-foi-o-partido-que-mais-elegeu-prefeitos-no-ceara-1.851014>. Acesso em: mai. 2016.

_____. Convenção oficializa Camilo Santana candidato ao Governo. *Diário do Nordeste* 30/06/2014. Disponível em: <http://diariodonordeste.verdesmares.com.br/cadernos/politica/convencao-oficializa-camilo-santana-candidato-ao-governo-1.1048333. Acesso em: abr. 2016.

FERREIRA, José Gomes. *Suplência senatorial, uma análise da representatividade*. 80 f. Monografia (especialização) – Centro de Formação, Treinamento e Aperfeiçoamento (Cefor), da Câmara dos Deputados, Curso de Especialização em Instituições e Processos Políticos do Legislativo, Brasília, 2009.

G1/GLOBO. 30% dos deputados do Ceará mudam de partido visando 2014. *Globo.* 07 out. 2013. http://g1.globo.com/ceara/noticia/2013/10/30-dos-deputados-estaduais-do-ce-mudam-de-partido-visando-2014.html

NEIVA, Pedro Robson Pereira. Os determinantes da existência e dos poderes das câmaras altas: federalismo ou presidencialismo?. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 49, n. 2, p. 269-299, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52582006000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: fev. 2016.

NEIVA, Pedro; IZUMI, Mauricio. Os sem-voto do Legislativo brasileiro: quem são os Senadores suplentes e quais os seus impactos sobre o processo le-

gislativo. *Opinião Pública*, Campinas , v. 18, n. 1, p. 1-21, Jun. 2012 . Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-62762012000100001&lng=en&nrm=iso Acesso em: fev. 2016

O ESTADO. Quatro siglas comandam 77,7% das prefeituras do Ceará. *O Estado*. 18 jan. 2014. Disponível em: <http://www.oestadoce.com.br/politica>. Acesso em: abr. 2016.

O ESTADÃO. Cid Gomes anuncia filiação em massa para o PROS. *O Estadão.* 02 out. 2013. Disponível em: <http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,cid-gomes-anuncia-filiacao-em-massa-ao-pros,1080967>. Acesso em: abr. 2016.

O POVO. A mais imprevisível das eleições no Ceará. *O Povo.* 01 out. 2014. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/colunas/politica/2014/10/01/noticiaspoliticacoluna,3323377/2014-0110po1914-saiba-mais.shtml>. Acesso em: abr. 2016.

_____. Pesquisa O Povo/Datafolha: Tasso lidera com 58%; Mauro tem 21%. *O Povo.* 01 out. 2014 Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/politica/2014/10/01/noticiasjornalpolitica,3323379/tasso-lidera-com-58-mauro-tem-21.shtml>. Acesso em: fev. 2016.

_____. PESQUISA: Tasso sobe quatro pontos e chega a 58%; Mauro oscila um ponto e fica com 19%. *O Povo.* 21 set. 2014. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/politica/2014/09/20/noticiasjornalpolitica,3317927/tasso-sobe-quatro-pontos-e-chega-a-58-mauro-oscila-um-ponto-e-fica-c.shtml>. Acesso em: fev. 2016.

_____.Heitor Ferrer: "O PDT virou um bom bife para um bom predador". *O Povo.* 13 set. 2015. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/dom/2015/09/12/noticiasjornaldom,3503229/heitor-ferrer-o-pdt-virou-um-bom-bife-para-um-bom-predador.shtml>. Acesso em: mai. 2016.

_____.Clãs políticos: famílias controlam 45% das prefeituras cearenses. *O Povo.* 07 fev. 2016. Disponível em: <http://www.opovo.com.br/app/opovo/dom/2016/02/06/noticiasjornaldom,3572309/clas-politicos-familias-controlam-45-das-prefeituras-cearenses.shtml>. Acesso em: fev. 2016.